

Abordagem etológica de um grupo de crianças de idade pré-escolar em situação de actividades livres (*)

MARIA EUGÉNIA DA CRUZ OLIVEIRA (**)

INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende descrever um ensaio preliminar de aplicação da técnica de abordagem etológica a um grupo de crianças em idade pré-escolar, numa sala de jardim de infância. O nosso objectivo básico foi o levantamento do funcionamento do grupo em situação de actividades livres.

A escolha da abordagem etológica de um grupo de crianças fundamenta-se na tentativa de testar uma técnica de representação rigorosa habitualmente usada nesta faixa etária. Pensamos que este tipo de investigação pode ajudar a enriquecer as perspectivas do trabalho pedagógico neste domínio.

(*) Trabalho realizado no âmbito da cadeira de Etologia, do Curso Superior de Psicologia — ISPA. Agradecemos a Iolanda Peixoto, coordenadora da Creche José Luís em Cascais, que colaborou nas observações e no levantamento dos dados referentes às actividades; Às colegas Francisca Manso, Rita Almeida e Graça Quaresma que ajudaram na codificação dos dados; À Santa Casa da Misericórdia de Cascais pelo apoio dado na execução dos gráficos e dactilografia; Ao Dr. António Pires pela leitura do manuscrito; Ao Professor Vitor Almada, sem cujo apoio este trabalho não teria sido possível.

Os trabalhos feitos até agora — e de que temos conhecimento — na área da etologia social, têm incidido essencialmente na elaboração de reportórios de categorias de comportamentos de interacção social (N. Blurton Jones, 1974) muitas vezes em paralelo com os modelos de análise das sociedades de primatas e de fenómenos como a dominância (F. F. Strayer, 1980). Os trabalhos realizados nesta linha não contribuem para a caracterização de um grupo de crianças em idade pré-escolar, na medida em que perdem de vista a sua organização global, podendo dar uma imagem distorcida, sobretudo quando se pretende inferir sobre os mecanismos que estão na base dos comportamentos.

Pensamos que previamente à caracterização das interacções sociais é essencial a caracterização do grupo, da sua distribuição na sala e das actividades em que as crianças se ocupam.

A abordagem etológica caracteriza-se fundamentalmente pela sua vertente ecológica, e pela ênfase posta na observação directa e objectiva de comportamentos múltiplos, e pode permitir uma caracterização multifacetada dum grupo, e uma visão do modo

(**) Aluna no ISPA.

como os sujeitos agem numa situação concreta. Mesmo em etologia animal evoluiu-se de uma análise centrada nos comportamentos para uma análise centrada nas relações dos sujeitos com o meio, isto é, para uma perspectiva a que se poderá chamar eco-etológica (J. Gantier, J. Lefreuvre, G. Richard e P. Trehen, 1978). Assim, há que considerar o conjunto dos comportamentos que uma criança pode exprimir em relação com a organização espacial que a rodeia (Alain Legendre, 1985), o controle exercido sobre a actividade e comportamento de cada criança pela presença e actividade de outro: a criança sofre uma regulação da actividade a partir do meio externo mas os factores individuais influenciam igualmente esse meio, ao nível do comportamento de outras crianças.

Os resultados apresentados neste trabalho referem-se às actividades em que as crianças se ocuparam e como se distribuíram em função das possibilidades oferecidas pelo espaço pedagógico que procuraremos caracterizar mais adiante. Este aspecto surge-nos como um entre outros que definem o contexto geral de uma sala de jardim de infância, que se podem estudar com este tipo de análise.

As relações interindividuais ou intra-grupos são influenciadas pelo facto de a criança estar ou não ocupada. As actividades a que a criança se entrega assumem importância ao nível das diferentes relações que desencadeiam. Por outro lado, diferentes actividades favorecem diferentes tipos de contactos, impõem exigências diferentes aos grupos ou aos indivíduos.

Paralelamente, o espaço, os brinquedos e materiais disponíveis, as acções a realizar, a presença da educadora, as normas que influenciam e limitam, são componentes de um contexto em que age um grupo de crianças.

Outros aspectos como a formação de pequenos grupos, a sua estrutura e duração da existência, as redes de interacção dentro

do grupo legal, as amizades e preferências das crianças por outras, etc., têm relação com as actividades pelas quais as crianças se distribuem.

Globalmente pensamos que esta técnica de abordagem nos permite obter uma boa imagem das actividades das crianças em situação da actividade livre e que — independentemente destes resultados — se pode alargar a técnica a outros grupos jardins de infância.

METODOLOGIA

As observações realizadas na Creche José Luís em Cascais, num total de doze, decorreram em ambos os períodos do dia, entre 9-04-85 e 28-05-85, e tiveram a duração de 50 minutos cada.

A amostra era constituída por vinte e três crianças de ambos os sexos — treze do sexo feminino e dez do sexo masculino. O número médio de crianças por observação foi vinte. As idades estavam compreendidas entre os 5 e 6 anos e a média em meses era de 68,5 no início das observações e 72,5 no final.

Todas as crianças tinham experiência anterior de permanência em jardim infantil, vinte e uma das quais no estabelecimento onde se realizou a observação; as outras duas haviam transitado no início do ano lectivo de outros jardins de infância. Treze crianças cumpriam o segundo ano lectivo com a mesma educadora; as dez restantes tinham à data do início das observações, cerca de sete meses de experiência com a educadora e com o grupo.

As observações foram feitas por duas pessoas: eu própria, enquanto educadora do grupo, e a coordenadora do estabelecimento, com quem as crianças estavam familiarizadas, pois regularmente participava das actividades pedagógicas do grupo. Pareceu-nos ser esta a melhor forma de obviar à inclusão de elementos externos à vida do

grupo e suas possíveis repercussões no comportamento das crianças durante as observações. Um outro elemento adulto permanecia na sala durante os períodos de observação; trata-se da pessoa que colaborava nas rotinas diárias da sala, e que tinha instruções para não interferir ou interagir com as crianças durante aqueles espaços de tempo e, no caso de solicitação por parte das crianças, reduzir ao mínimo a sua intervenção, o que aliás acontecia se a solicitação era feita às observadoras.

Realizaram-se previamente algumas observações no sentido de se fazer o levantamento das actividades e comportamentos mais frequentes nas crianças, para experimentação do instrumento de registo e aferição das unidades de tempo mais adequadas ao fim em vista e à dinâmica do grupo.

Como instrumento de registo usou-se a planta da sala em que, de minuto a minuto — unidade de tempo convencionada — se registaram em simultâneo pelas observadoras — colocadas em posição que permitia observar de imediato toda a sala — a localização de cada criança e a sua actividade.

A sala tem uma área de 69,2 m, 3,2 m /criança.

O equipamento inclui mobiliário adequado e material didático e pedagógico. Deste, faz parte, entre outros, uma imprensa escolar, materiais para execução de técnicas de impressão, estampagem, reprodução de textos, um banco de carpinteiro com o material correspondente, jogos de construção lego, de madeira e outros; material para gravura, tapeçaria, tecelagem e pintura; livros, brinquedos diversos, material de desgaste. A organização da sala permite o livre acesso da criança a estes materiais.

Realizadas as observações, a informação recolhida num total de 600 unidades de registo, foi codificada noutras tantas matrizes, em que, nas linhas consta a identificação das crianças, e nas colunas a numeração de cada registo, o número das observação, o

código da localização das crianças, e a actividade desenvolvida.

Paralelamente, fizemos junto das crianças um pequeno inquérito a que responderam vinte e uma crianças, sobre o que mais gostavam de fazer na sala.

As actividades que a sala permitia pela sua própria organização eram as seguintes: Desenho, pintura, estampagem, modelagem, recorte e colagem, imprensa, limógrafo, carpintaria, gravura, tapeçaria, tecelagem, jogos lego, ver imagens em livros e actividades simbólicas.

A excepção destas últimas, não definiremos aqui todas as outras por nos parecer que o seu carácter comum e familiar permite uma fácil identificação. Sob a designação de «actividades simbólicas» agrupamos qualquer actividade tipo «jogo faz-de-conta», em que a criança imita actividades e comportamentos que observa nos adultos, ou dela própria noutros contextos. As diferentes actividades em que subdividimos esta categoria surgiram-nos por necessidade de registo no momento em que decorriam, e foram encontrados em função do local onde se desenvolviam ou da manipulação ou não de brinquedos. Têm em comum o carácter simbólico e imitativo, e são a «casa das bonecas», a «loja», o jogo simbólico, e a manipulação de brinquedos.

«Casas das bonecas» — Pretendemos referir a actividade lúdica simbólica que se desenvolve no espaço que representa uma casa inclui fogão, mobiliário de cozinha, sala e quarto, utensílios domésticos, bonecos, uma arca com peças de vestuário e acessórios; um espelho e artigos de «toilette».

«Loja» — Actividade desenvolvida no local que imita um pequeno estabelecimento de comércio; inclui uma prateleira com embalagens vazias de produtos alimentares, de higiene, etc.; uma pequena máquina registadora (brinquedo) e uma balança com os respectivos pesos. A actividade simbólica aqui desenvolvida surge normalmente, como

apoio ou em ligação à actividade desenvolvida na casa das bonecas.

«Jogo simbólico» — Actividade lúdica simbólica desenvolvida em qualquer ponto da sala, isto é, fora dos locais atrás mencionados. Por exemplo, a criança simula com o corpo que está a nadar ou a guiar um carro, sem recurso a materiais.

«Manipulação de brinquedos» — Actividade em que a criança brinca com brinquedos existentes na sala ou traz de casa; é também uma forma de jogo simbólico, pois a criança usa os brinquedos, montando situações imaginárias, mas é desenvolvido em qualquer local da sala, excluindo-se a loja e a casa das bonecas.

Seleccionamos este conjunto de actividades, pois são as que se relacionam directamente com as possibilidades oferecidas pelo espaço; negligenciamos outras, como vestir-se, saltar à corda, ver-se ao espelho, etc., que na realidade se verificaram algumas vezes, mas sem significado relativamente às primeiras.

Dado que a variável «estar parado» apresenta valores superiores aos de algumas actividades e porque aparece nos registos de todas as crianças, resolvemos dar-lhe o mesmo tratamento. Acontece normalmente quando a criança acaba uma actividade e antes de iniciar outra, ou mesmo como pausa da actividade que tem entre mãos. Fica então imobilizada, com os pés parados em relação ao chão, ou sentada, ou ainda em qualquer outra posição, mas sem desenvolver uma actividade específica ou lúdica.

RESULTADOS

Para apuramento dos resultados procedeu-se do seguinte modo: ao tempo em que cada criança esteve presente no infantário durante os períodos de observação — registado numa matriz de totais — subtraiu-se o tempo em que esteve ausente da sala (por exemplo, nos sanitários); estimou-se a per-

centagem de tempo gasto em cada actividade, pela razão entre o número de registos em que cada criança está nessa actividade sobre o tempo efectivo de permanência na sala durante as observações.

A partir dos valores encontrados para cada criança, calculamos a média e o desvio padrão para o grupo total, e por grupo de sexos; a estes valores aplicamos o teste estatístico de MANN-WHITNEY para os níveis de significância de 95 % e 99 %.

O tratamento dos dados mostra-nos que num total de dezassete actividades há algumas uma forte incidência de escolhas por parte da criança; outras são sensivelmente menos escolhidas, e outras ainda, são acontecimentos episódicos na vida do grupo, durante os períodos assinalados, há uma gama de actividades que nunca foram escolhidas pelo grupo: imprensa, estampagem, limó-grafo, carpintaria, modelagem, recorte e colagem.

Como se constata pela análise dos dados, as crianças não se distribuem homoganeamente por todas as actividades; no entanto, todas eram previamente conhecidas e foram experimentadas por todas as crianças do grupo.

A partir dos resultados elaboramos o seguinte quadro:

Com valores bastantes mais baixos que os destas actividades, e envolvendo menor número de crianças, aparece um grupo de actividades cujos resultados passamos a analisar.

GRAVURA: envolve cinco crianças com valores entre 3 % e 18 %.

PINTURA: envolve sete crianças e os valores variam entre 1 % e 16 %, ocorrendo este último valor apenas numa criança que se distancia, neste aspecto, relativamente às outras seis.

TAPEÇARIAS: envolve duas crianças, ambas com valores de 6 %.




PERCENTAGEM DE TEMPO GASTO NAS ACTIVIDADES PREDOMINANTES

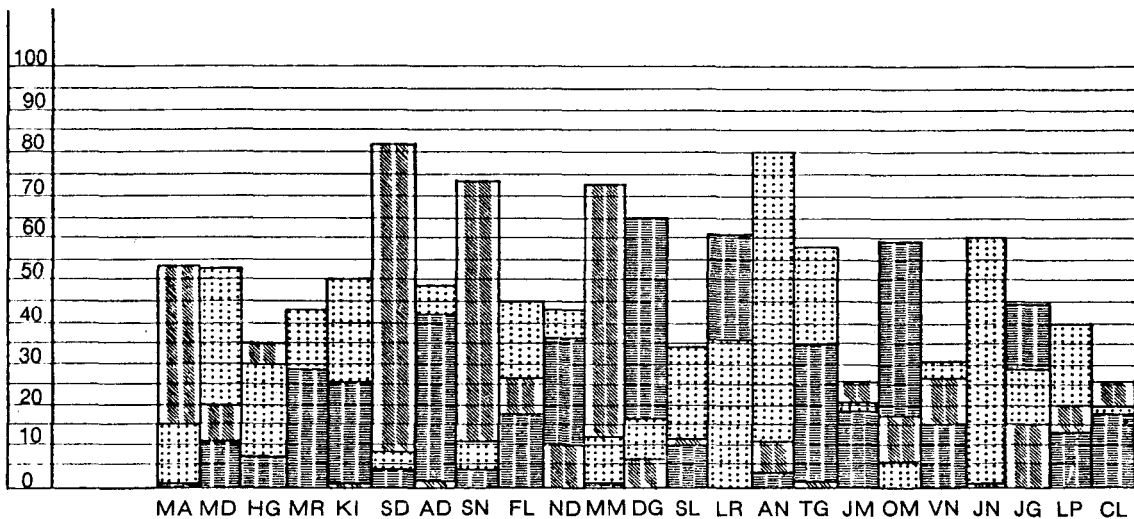
	MÉDIA			D P			Dispersão		Total de crianças		Teste Mann-Whitney	
	Grupo total	♂	♀	Grupo total	♂	♀	♀	♂	♀	♂		
Desenho	34	35	33	19	21	15	8,5-80	6-57	13	10	a)	
Lego	23	11	31	20	6	21	0-37	7-65	12	10	b)	
Actividades Simbólicas	Casa das bonecas	10	14	6	11	13	6	0-39	0-18	12	8	a)
	Loja	9	14	4	12	13	4	0-38	0-11	12	7	a)
	Jogo simbólico	3	4	2	3	3	2	0-10	0-5	9	5	a)
Ver imagens em livros	4	3	5	4	3	5	0-12	0-15	11	8	a)	
Estar parado	5	5	5	3	2	3	2-9	0,4-11	13	10	a)	

a) Os valores dos dois grupos não diferem relativamente a esta actividade

b) Há diferenças entre os valores dos dois grupos: as crianças do sexo masculino gastaram mais tempo em construções Lego

Fig. 2

 DESENHO
 LEGO
 ACTIVIDADES SIMBÓLICAS



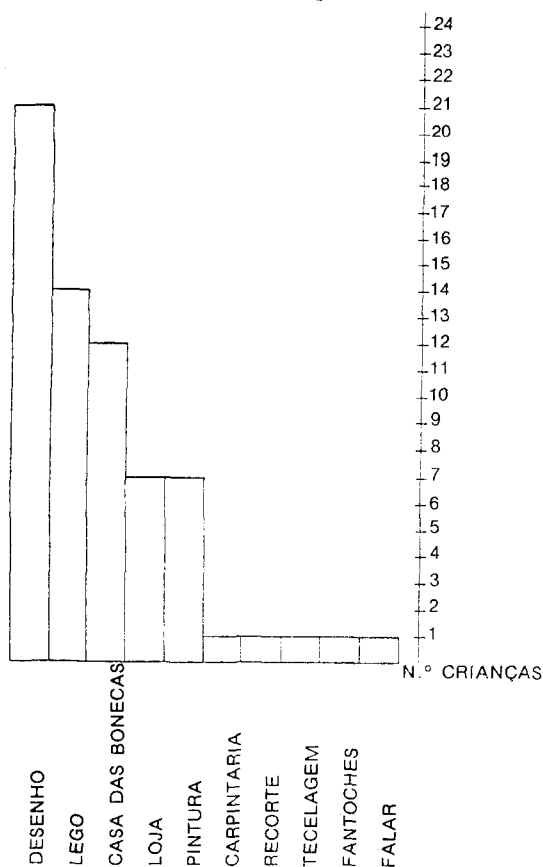
TECELAGEM: envolve sete crianças, com valores entre 3 % e 14 %.

MANIPULAÇÃO DE BRINQUEDOS: envolve dez crianças, quatro do sexo feminino e seis do sexo masculino. A percentagem máxima é de 3 %.

O desenho aparece como primeira actividade para quinze crianças, o Lego para quatro, a «casa das bonecas» para três e a loja aparece uma vez. No gráfico que apresentamos a seguir estas posições aparecem-nos alteradas, visto que agrupamos as actividades «casa das bonecas», loja, jogo simbólico e manipulação de brinquedos sob uma mesma categoria — actividades simbólicas.

Fig. 3

Resultado do inquérito sobre as preferências das crianças



DISCUSSÃO

Como já foi referido, as crianças não se distribuem homogeneamente pelas actividades que conhecem e a que têm acesso pela organização própria da sala.

O desenho, aparecendo como a actividade privilegiada por este grupo e na qual todas as crianças participam, não interessa do mesmo modo a todos os elementos: nota-se uma grande distância entre a percentagem mínima e a percentagem máxima dos tempos de desenho.

Também para as restantes actividades se verifica o mesmo fenómeno: a diferença entre a média e alguns dos valores individuais é, com frequência superior à própria média. O desvio padrão para algumas actividades e grupos está muito próximo, sendo igual ou superior à média.

À excepção do desenho, nenhuma outra actividade ocupa todas as crianças.

É relevante o contraste entre o valor total encontrado para o desenho e os restantes; num total de 12.100 minutos, que são as somas dos tempos de observação de todas as crianças, 4089 são para o desenho.

Actividades plásticas mais elaboradas como a tapeçaria, a tecelagem, a gravura, e mesmo a pintura, não constituem rotinas, pois somam juntas apenas 821 minutos. É curioso observar que no ano lectivo de 85/86 o grupo que na mesma sala do mesmo estabelecimento tem idade correspondente à do grupo por nós observado, tem diferente interesse pela pintura, que parece ser a actividade predominante; parece-nos, pois, que esta não depende das características inerentes a esta faixa etária, mas da dinâmica pedagógica que se cria em cada sala e com cada grupo. Neste caso, criou-se o hábito de pintar no chão, no espaço exterior à sala, a partir da iniciativa de uma criança que havia entrado de novo, quase se abolindo o uso dos cavaletes.

Assinalamos aqui que há actividades que sofrem o que se poderia chamar épocas al-

tas e épocas baixas. Relativamente à tapeçaria, o que observamos é incompatível com o trabalho realizado por este grupo até final desse ano lectivo. Todas as crianças produziram um trabalho individual e muitas participaram numa tapeçaria colectiva. Pode dizer-se que no período das observações já havia passado a «moda» da tapeçaria.

Agrupando agora as actividades simbólicas — a casa das bonecas, a loja, o jogo simbólico e a manipulação de brinquedos — temos um somatório de 3029 registos, logo abaixo do desenho e superior ao Lego. Isto não nos parece surpreendente, dado a sua importância para a fase de desenvolvimento psicológico em que se encontram estas crianças (D. Papalia e S. W. Olds, 1981).

De facto, são actividades que permitem a distribuição de papéis entre os participantes e a identificação sexual através de imitação de modelos; são, por regra, activida-

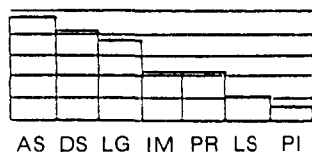
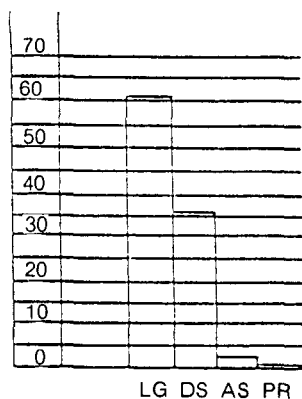
des de cooperação em que as crianças combinam tarefas consoante os papéis escolhidos.

Analisando os mesmos dados, agora em função de cada criança elaborámos para cada uma um gráfico de barras, em que representamos cada actividade por ordem decrescente dos seus valores.

Verifica-se de imediato uma extrema variação na distribuição dos tempos das crianças pelas diferentes actividades.

A título de exemplo apresentamos os gráficos de duas crianças que representam os extremos.

Num, a maior percentagem de tempo é gasta numa única actividade, ficando para algumas outras valores bastante mais baixos, um segundo tipo de gráfico apresenta barras relativamente mais baixas, com uma distribuição de tempos mais homogénea que no primeiro.



- AS-ACTIVIDADE SIMBÓLICA
- DS-DESENHO
- LG-LEGO
- IM-VER IMAGENS EM LIVROS
- PR-ESTAR PARADO
- LS-LUTA SIMULADA
- PI-PINTURA

Uma primeira análise qualitativa dos dados mostra-nos que as crianças estão preferencialmente em interação ou em grupos de proximidade (Blurton Jones, 1974); só excepcionalmente se encontram isoladas ou afastadas uma das outras. As actividades com maior peso neste trabalho proporcionam à criança estar em grupo e interagir no decorrer das mesmas.

Ao longo das sessões verificou-se que, com uma certa frequência, um pequeno grupo de crianças permanecia na mesma

actividade durante todo esse período, ou então, era o grupo em bloco que mudava de actividade ou local, o que leva a crer que a actividade em questão era apenas subsidiária das interações sociais que ocorriam no interior do grupo.

Por outro lado, a disposição dos cavaletes para pintura não permite facilmente a interação; duas crianças que usem o mesmo cavalete não se podem ver enquanto pintam. A gravura exige boa coordenação visual-motora e uma concentração da atenção,

pois o uso da goiva implica um certo risco de ferimentos para a criança, e também não facilita as interações. Igualmente, a tecelagem exige concentração da atenção, dificultando a interacção. Ao contrário, durante os períodos de desenho em grupo, são frequentes os comentários sobre o mesmo, as apreciações, as combinações ou informações prévias sobre o que se vai fazer.

Pensamos que teria sido do maior interesse tentar verificar se a elevada percentagem de tempo gasto no desenho é decorrente da preferência das crianças ou se deve ao facto de proporcionar uma interacção muito particular, que por sua vez faz dilatar aos tempos nele gastos, pelas pausas criadas.

As técnicas que exigem materiais de mais difícil manejo e cuja execução implicava, por regra, a presença da educadora (impressão, estampagem, reprodução de textos e carpintaria) não foram alvo de escolhas.

A modelagem em barro, que, por exigir normalmente o uso de água, era realizada no exterior, (dificultando-nos as observações) também não aparecem nos nossos registos.

Verifica-se porém, uma excepção; diz respeito à actividade «recorte e colagem», para a qual existem na sala materiais disponíveis, mas que nunca foi realizada.

Ao inquérito por nós realizado sobre as suas preferências, todas as crianças responderam «desenho», como se pode ver na figura 3. Seguem-se as actividades lego e casa das bonecas. A pintura aparece em quarto lugar, a par da loja. Se as três primeiras actividades aparecem numa ordem de preferência exactamente correspondente àquela que aparece nos nossos registos, o mesmo não se verifica para a pintura, que na realidade quase não tem significado durante os períodos de observação. Pode-se pensar que a criança responde em função das representações que tem sobre as actividades mais valorizadas pela educadora; que responde em função de preferência real, mas que por imperativos exteriores (Alain Legendre,

1985; J. Johnson e J. Roopnarie, 1983) não põe em prática; por exemplo, a pintura, tal como é realizada, é uma actividade que não facilita a interacção o que pode originar um afastamento real, apesar do gosto sentido pela actividade.

A preferência verbalizada pela criança poderia ser uma informação rigorosa se não fosse influenciada: ao verbalizar, a criança poderá indicar o que realmente gosta, enquanto as observações nos dão indicações sobre o que realmente faz.

Nesta fase do tratamento dos dados deste trabalho não nos é possível conhecer a duração média de cada actividade ou dos grupos nelas envolvidos.

Porém, considerando os desvios relativamente às médias percentuais das diferentes actividades, e partindo do conhecimento pessoal deste grupo de crianças, não nos parece que o conhecimento da referida média seja relevante para a organização pedagógica do tempo de um grupo de crianças em idade de pré-escolar. As diferenças individuais são tão acentuadas que o estabelecimento de um padrão levaria à uniformização dos comportamentos, sem se tomar em consideração as referidas diferenças e conseqüente diversidade de interesses ou capacidades para se desenvolver uma actividade durante períodos mais ou menos longos.

Ao contrário, parece-nos importante realçar a necessidade de proporcionar à criança de idade pré-escolar a sua livre opção dentro de um vasto leque de alternativas possíveis, em equilíbrio com os momentos de actividade mais estruturada.

Pensamos que o que fica descrito reflecte a interiorização das normas por parte das crianças e registamos a importância das actividades livres para assimilação das mesmas. As regras que regulam o funcionamento pedagógico do grupo, estão implícitas nos comportamentos analisados, mesmo tratando-se de actividades livres, isto é, em que a criança pode espontaneamente escolher, desenvolver e terminar uma actividade ou trocá-la por

outra. As suas escolhas são, pois, feitas em função da organização espacial, disposição de materiais e regras internas: são resultado de um contexto pedagógico.

Os resultados obtidos sugerem-nos que o comportamento das crianças perante as actividades é tanto o fruto da sua relação com os aspectos materiais e sociais, como das suas próprias características pessoais.

Pensamos, também, ser de considerar a influência da educadora e a representação que as crianças têm sobre as actividades mais ou menos valorizadas naquele contexto.

A comparação entre perfis deste tipo, obtidos em diferentes salas do jardim de infância, pode revelar os efeitos das diferentes dinâmicas pedagógicas e diferentes organizações do espaço e do equipamento.

Pensamos que ficam patentes neste trabalho as principais vantagens de uma abordagem eco-etológica: na nossa perspectiva constitui uma ferramenta útil para a investigação psicopedagógica, pois não consiste numa transposição mecânica do comportamento animal para o comportamento humano, mas permite a introdução de outras metodologias nas investigações com crianças.

BIBLIOGRAFIA

- GAUTIER, J.-Y.; LEFREUVRE, J.-C.; RICHARD, G. e TREHEN, P. (1978) — *Ecoéthologie*. Masson.
- JONHSON, J. e ROOPNARIE, J. (1983) — «The preschool classroom and sex differences in children's play», in *Social and Cognitive Skills: sex roles and children's play*. Academia Press.
- JONES, B. (1974) — «Categories of child — Child intension» in *Ethological Studies of Child Behaviour*. N. Blurton Jones, Ed., Cambridge University Press.
- LEGENDAE, A. (1975) — «Influence of Spatial Arrangement on Young Children's Social Behavior», 19 th International Ethological Conference University, P. Sabatier, Toulouse, France.
- PAPALIA, D.; OLDS, S. W. (1981) — *O mundo da criança*, Mc Graw Hill, S. Paulo.

STRAYER, F. F. (1980) — «Child Ethology and the Study of Preschool Social Relations, in Friendship and Social Relation in Children», H. Foot, A. Chapman e P. Smith, Ed.

RESUMO

O objectivo deste trabalho foi identificar as actividades em que um grupo de crianças no jardim de infância se ocupou e se distribuiu em função das possibilidades oferecidas pelo espaço pedagógico, e identificar as variações de criança para criança.

A situação era de actividade livre.

Os dados foram recolhidos através de amostragens instantâneas do grupo (scan sampling) com períodos de observação de um minuto, vezes doze sessões de 50 minutos, ao longo de dois meses.

Os resultados em termos de percentagens de tempo gasto por actividade, evidenciam que algumas actividades são bastante mais escolhidas em detrimento de outras. Em termos individuais existe uma grande variabilidade no tempo gasto por actividade.

SUMMARY

The finality of this research was to identify the activities in which a group of kindergarten children were occupied and were distributed in functions of the possibilities offered by the kindergarten rooms, and to identify the variations from child to child.

It was a free activity situation.

The results were found through the scan sampling with observation periods which lasted one minute, times twelve sessins of fifty minutes during two months.

The results in percentage terms of time wasted in each activity, shows that some activities are much more chosen than others.

In individual terms there is a great variety in wasted time by activity.

os Todos
Meses



o professor

UMA REVISTA COM 12 ANOS
AO SERVIÇO DO
ENSINO, EDUCAÇÃO E CULTURA

de professor para professor